

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

CEARÁ COLONIAL UM PALIMPSESTO: MAPAS, PODER E PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO.

Profa. Dr. Ana Isabel Parente Cortez Reis¹, Antônio Henrique De Macêdo Neto²

Resumo: A Carta Marítima e Geográfica da Capitania do Ceará (1817), elaborada por Antonio Jozé da Silva Paulet, representa um marco na cartografia colonial, refletindo a interpretação dos colonizadores sobre o território. Os mapas são analisados como fontes históricas que projetam interesses públicos, conforme afirmado por Harley. Utilizando ferramentas avançadas de geoprocessamento, a pesquisa busca desnaturalizar mapas e territórios, revelando sua construção social. Dessa forma, a cartografia é vista não apenas como uma representação, mas como uma ferramenta de poder e controle que configura a realidade geográfica.

Palavras-chave: Cartografia. Ceará. Mapa.

1. Introdução

Antonio Jozé da Silva Paulet chegou ao Ceará em 1812, como acompanhante e ajudante d'ordens do novo governador dessa então capitania, Manoel Ignácio de Sampayo (1812-1820). Tenente Coronel do Real Corpo de Engenheiros, um corpo especializado de engenharia militar do Exército Português, Silva Paulet foi incumbido pelo referido governador da produção da Carta Marítima e Geographica da Capitania do Ceará (1817). Esse desenho foi considerado um dos primeiros da cartografia portuguesa para as terras cearenses. Nele, foram demarcados os limites para a capitania, linhas que muito se assemelham aos limites atualmente considerados, fato que contribuiu para tornar célebre a Carta Marítima de Paulet, sendo também, na parte inferior do lado direito, inclusa a Planta da Villa da Fortaleza e seu Porto. No entanto, mais do que isso, ela consiste numa interpretação do Ceará pelos seus colonizadores, e, enquanto assim for, ela também é fonte histórica e documentação possível para a compreensão desse palimpsesto que é o território cearense, no qual estão inscritos diversos Ceará's, constituídos a partir das vivências de seus habitantes. Um mapa ou representação cartográfica, longe de apresentar uma verdade, reprodução exata, sobre qualquer ambiente, é uma interpretação possível dele, para a qual também contribuíram inúmeras relações nele e com ele estabelecidas. Conforme Fernand Joly, "mesmo o mais detalhado dos

¹ Universidade Regional do Cariri, email: anaisabel.reis@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, email: antonio.henrique@urca.br

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

mapas é uma simplificação da realidade. Ele é uma construção seletiva e representativa que implica o uso de símbolos e de sinais apropriados". Sobretudo porque a cartografia é a representação numa face plana da superfície terrestre que é curva, operação que agrega uma série de dificuldades. Mas também porque, através de símbolos, o mapa científica sobre formas, objetos, fatos e relações contidas no espaço que procura representar. Nesse sentido, o mapa pode ser compreendido como instrumento que localiza, orienta, avalia distâncias e também convence. O mapa possibilita a construção de um inconsciente que se conecta em seus múltiplos pontos, permitindo infinitas variações de suas linhas, não se extingue. Ele é a consciência do ambiente e, portanto, das inúmeras possibilidades de apreendê-lo, de percorrê-lo, de fazê-lo e desfazê-lo. Pode ser construído como meditação, como ação política, e mesmo como obra de arte. É o sempre imprevisível, não segue uma sequência lógica e hierárquica. Ele pode ser o que for a qualquer momento, fora da operação binária de novo e antigo. Para compreender o mapa (ou vislumbrar sua multiplicidade de linhas) é válido, no entanto, projetar os decalques sobre os mapas. Os decalques são possibilidades estabelecidas e organizadas do mapa. São parte dele, lhe compõem, ainda que não definitivamente: sob pena de anular o mapa, de transformá-lo num outro decalque. Mas são sinais do mapa. O cruzamento de dois ou mais decalques pode ajudar a entrever a multiplicidade do mapa. Nesse sentido, a cartografia é pensada: sobretudo deve ser considerado o termo mapa. Para essa área do conhecimento, a referida palavra designa a projeção de um ou mais caminhos sobre uma superfície plana. É a imagem ou desenho de percursos ou espaços podendo agregar uma série de informações sobre o local que estiver em questão. No entanto, essa representação, na ideia de Deleuze e Guattari, é precisamente o decalque. Ela não expressa uma consciência do ambiente com toda sua intensidade e agenciamentos possíveis. Antes, é uma cristalização de certas linhas e estruturas, construída a partir de determinados interesses. De tal maneira que a Carta Marítima e Geographica da Capitania do Ceará de Silva Paulet, é o decalque de um mapa na qual uma multiplicidade de outros Ceará's estão inscritos e são possíveis.

2. Objetivo

Analisar a História da produção cartográfica no Ceará Colonial.

3. Metodologia

A documentação cartográfica é compreendida nesta proposta como fonte para a pesquisa histórica. Nessa perspectiva, os mapas são considerados e estudados como instrumentos que foram estrategicamente utilizados pelo discurso oficial para projetar ou legitimar interesses e administrações públicas na constituição do território nacional ou regional. Nesse sentido, e, segundo Harley, os mapas "nunca são imagens isentas de juízo de valor e, salvo no sentido euclidiano mais

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

estrito, eles não são por eles mesmos nem verdadeiros nem falsos. Pela seletividade de seu conteúdo e por seus símbolos e estilos de representação, os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens". Somente assim, será possível mensurar em que medida essa documentação se presta às "manipulações por parte dos poderosos na sociedade" (HARLEY, 2009, p. 02). Para a análise da documentação cartográfica a ser trabalhada será utilizado um Sistema de Informações Geográficas – SIG, que consiste em programa específico de produção de mapas a partir do georeferenciamento do espaço. Nas palavras de Aronoff (1995), o SIG "é definido pela aquisição, armazenamento e análise de objetos e fenômenos dos quais a localização geográfica é uma característica importante ou crítica para a análise". Esse sistema é trabalhado a partir de software específico, nesse caso, o ArcGIS. O referido software trata-se de um sistema coordenado e constituído por bancos de dados vinculados a referências espaciais que permitem a representação do espaço geográfico e de fenômenos que nele ocorrerem. Além do mapa, o território é entendido como produto de uma construção, ambos são artefato ou produto social. Não resguardando, por conseguinte, qualquer possibilidade de constituição de um produto da natureza, dado e espontâneo. Dessa forma, e, longe de ser entendido como um espelho do território, o mapa cumpre um papel estratégico no exercício do poder do Estado: ele é instrumento fundamental na produção de territórios, via de regras unos e homogêneos. Aspecto que contribui, conseqüentemente, para o silenciamento de outras experiências com o território, como ocorreu no tenso processo de imposições das Razões de Estado sobre as demarcações das territorialidades nativas (não sem resistências). De maneira que, deve-se desnaturalizar mapas e territórios, bem como desconstruir as memórias espaciais que herdamos sobre eles (KANTOR et al, 2009, p. 12). Para compreensão do que constitui o território, produzido e reproduzido nos mapas, é necessário o estudo de outras documentações. Em primeiro lugar, é preciso buscar outros escritos do autor do mapa, sobretudo as que se referem ao território trabalhado cartograficamente. No caso de Silva Paulet é possível o acesso ao texto Descrição Geografica abreviada da capitania do Ceará, publicada na Documentação Primordial sobre a Capitania Autônoma do Ceará, da Fundação Waldemar Alcântara. O texto, muito embora tenha sido contestado pelo Barão de Studart como não sendo de autoria de Silva Paulet (e esta também é uma discussão que interessa a esta pesquisa), traz uma descrição das cidades e vilas do Ceará que detalha aspectos importantes do território, tornando possível a compreensão inclusive de que aspectos merecem destaque e detalhamento no espaço geográfico cearense no início do século XIX. Além da documentação produzida pelo autor do mapa, e em segundo lugar, é fundamental entender os marcos do exercício do poder público que subjaziam a produção do espaço geográfico cearense. Os sinais e vestígios dos interesses e jogos de poder que marcaram a produção do território cearense podem ser identificados nos Relatórios Administrativos e a correspondência oficial produzidos nos anos finais do Brasil Colônia e a partir dos primeiros anos do período Imperial brasileiro,

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

período em que se buscou formar a nação brasileira e, dentro da nação, suas províncias. Documentos que hoje pertencem ao acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC, e que é disponibilizado em mídia digital aos pesquisadores interessados: os arquivos da Câmara de Fortaleza e correspondência oficial trocadas entre capitania e metrópole – especialmente o Fundo da ouvidoria geral da comarca do Ceará - e, mais tarde, entre as províncias do Império – Fundo do Governo da Província do Ceará. Também devem ser relacionados nessa sequência, e em terceiro lugar, as anotações de viagens de viajantes e habitantes que tenham percorrido o território cearense e feito descrições dele: nesse bojo, estão George Garner (1835), Marcos Macêdo (1846), Freyre Alemão (1859). Além da experiências de outros intelectuais que produziram cartografias do Ceará e uma História do Ceará, a partir dos limites desenhados pelo engenheiro Silva Paulet, como Pedro Theberge, cuja Carta Corográfica da Província do Ceará foi publicada em 1869 e seu Esboço Histórico da Província do Ceará, publicado na Revista do Instituto do Ceará. A compilação dessas narrativas pode escandir um campo de possibilidades sobre as impressões, definições e dimensões/distâncias experimentadas no estabelecimento de relações com o território do sertão cearense e da própria constituição de uma História para esse território.

4. Resultados

A pesquisa se encontra em fase inicial, buscando compreender os fundamentos da cartografia por meio da leitura teórica e bibliográfica. Entendendo o que é um mapa e de como se desenha o espaço a partir do Brasil Império, que se difere, por exemplo, do período colonial. Tal qual a catalogação das várias produções cartográficas do Ceará Colonial e investigação das perspectivas que ordenaram produção de mapas (decalques) para o Ceará e as disputas de poder que as ensejavam.

5. Conclusão

O trabalho analisa a produção cartográfica no Ceará Colonial. Incentiva a pesquisa em mapas históricos, essencial para a compreensão da produção de territórios. Contribui significativamente para o debate historiográfico, ao superar a visão do espaço como vazio. Estabelece um diálogo produtivo com a Geografia, propondo um entendimento mais profundo das relações entre territórios e fronteiras. Alcançando, assim, o objetivo de ampliar a compreensão histórica desse processo no contexto colonial.

6. Agradecimentos

Os autores agradem ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão da bolsa de iniciação científica, e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Regional do Cariri (URCA), pela oferta do Programa de Iniciação Científica.

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

7. Referências

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. Confins [Online], 5 | 2009, posto online em 24 abril 2009. URL: [http:// confins.revues.org/index5724.html](http://confins.revues.org/index5724.html), pp.01-23.

JOLY, Fernand. A Cartografia. 10ed. Campinas: Papirus, 1990.

KANTOR, Iris; BUENO, Beatriz P. S; & FERLINI, Vera Luciz A. Territórios em Rede carografia vivida e razão de Estado no século das Luzes. Anais do Museu Paulista. SP: vol 17, n 02, pp. 11 – 15, jul/dez 2009.